



Jovens Observadores do Espaço Urbano: Analisando a Cidade, a Escola e a Segurança Pública

Gabriela Borba Bispo dos Santos¹

Victor Hugo Nedel Oliveira²

RESUMO: As juventudes contemporâneas são heterogêneas, o que impacta nas maneiras de viver e ocupar a cidade. Este estudo buscou investigar os temas latentes sobre a cidade a partir das vivências de jovens-estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS. Para tanto, foram realizados três grupos focais sobre segurança pública, espaços de Porto Alegre e a escola. Os resultados indicam que os jovens compreendem a juventude como uma dimensão biológica e social, tendo maior peso das experiências coletivas. Conclui-se que, apesar da insegurança urbana percebida, os jovens continuam ocupando os espaços da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Culturas juvenis. Escola. Cidade. Segurança pública.

ABSTRACT: Contemporary youth are heterogeneous, which impacts their ways of living and occupying the city. This study sought to investigate latent themes about the city based on the experiences of young students from the Colégio de Aplicação of UFRGS (Federal University of Rio Grande do Sul). To this end, three focus groups were conducted on public safety, spaces in Porto Alegre, and the school. The results indicate that young people understand youth as a biological and social dimension, with collective experiences carrying greater weight. It is concluded that, despite perceived urban insecurity, young people continue to occupy city spaces.

KEYWORDS: Youth. Youth cultures. School. City. Public safety.

INTRODUÇÃO

A temática das juventudes contemporâneas é discutida consideravelmente no meio acadêmico com o objetivo de debater e compreender como os jovens se relacionam e ocupam os mais variados lugares. A sociedade diariamente nos mostra que os jovens são heterogêneos, uma vez que cada sujeito pertence a um grupo específico a qual se identificam, e com isso, é criado o sentimento de pertencimento. Com essa análise, podemos concordar com Feixa (1998) quando afirma que as culturas juvenis são expressas coletivamente.

1 Mestranda em Geografia – UFRGS / Bolsista CAPES. E-mail: gabrielasantos1996@hotmail.com.

2 Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia – UFRGS; e-mail: victor.nedel@ufrgs.br.

A juventude compreende a faixa etária dos 15 aos 29 anos, segundo o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013). Essa etapa é marcada por muitas mudanças, como o término do Ensino Médio, o início da faculdade e a inserção no mercado de trabalho. Sendo assim, é notória a presença dos jovens em todos os lugares, contudo, muitas vezes eles não são contemplados nos espaços de decisões e/ou não são ouvidos quando verbalizam. Sabe-se que as juventudes têm suas próprias opiniões e que é de grande importância, para o seu crescimento pessoal, estarem por dentro de diversas discussões, como as relacionadas à educação, por exemplo.

A cidade, por sua vez, é onde ocorrem as ações, onde a maioria da população reside – tendo um percentual de 84,8% (IBGE, 2010) – e onde criamos nossos vínculos de pertencimento. Contudo, é necessário considerar que a situação nas grandes e médias cidades estão complexas, pois as questões de mobilidade e segurança estão dificultando a apropriação plena do espaço urbano. A mídia nos informa que a vida nas grandes cidades está desafiadora devido à falta de segurança nas ruas. Um levantamento feito pela Secretaria Nacional da Juventude (2013) revela que dois dos maiores problemas que preocupam os jovens é exatamente a questão de segurança e violência nas cidades; 51% deles já perderam alguém próximo por esse motivo. O ir e vir dos sujeitos enfrenta dificuldades por várias razões, sendo uma delas a inadequação do transporte coletivo. As reclamações são frequentes, como ônibus em péssimo estado, rotas que não atendem as suas necessidades, tarifas elevadas e pouca acessibilidade para determinados bairros.

Desta forma, não podemos esquecer que a apropriação dos meios urbanos se dá por através dos nossos laços de pertencimento. No artigo de Oliveira e Lacerda (2018), observamos onde os jovens se sentem à vontade para estar, mas que ainda não possuem total apropriação dos espaços urbanos devido ao desconhecimento de como esses espaços funcionam ou de como chegar a diferentes pontos da cidade. Concordamos com Carrano (2003) quando afirma:

As cidades se apresentam como territórios privilegiados de ação social da juventude. Os jovens fazem a cada dia uma nova cidade que, em grande medida, é terra estrangeira para aqueles que não compartilham dos mesmos referenciais de identidade e se tornam impotentes para reconhecer a multiplicidade de sinais que emanam de suas múltiplas práticas. (p.109).

Sendo assim, as teias de relações juvenis, que às vezes perturbam o tecido social, possuem uma dimensão identitária que se espelha sobre o espaço urbano e fazem das cidades, territórios para as ações da juventude. Diariamente, os jovens criam uma cidade, que muitas vezes é desconhecida para aqueles que não compartilham os mesmos referenciais de identidade e os afasta, visto que não entendem as tais referências e práticas juvenis, resultando na incapacidade de reconhecer a diversidade envolvida nessas ações.

O presente artigo tem por finalidade analisar as experiências dos jovens estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na cidade de Porto Alegre, na escola em que estudam e com a segurança pública.

1 BREVE REFERENCIAL TEÓRICO

Carrano (2003) afirma que diariamente os jovens transformam a cidade e começam a desenvolver vínculos de identidade nesses locais. Para aqueles que não conseguem acompanhar tais transformações, não é estabelecido um referencial de identidade, gerando certo estranhamento. Além disso, as cidades são educadoras, pois os territórios urbanos permitem redes de relações e práticas socioeducativas

As práticas sociais que ocorrem nas cidades incorporam-se ao conceito de educação, uma vez que compreendem em suas dinâmicas culturais próprias de realização, a formação de valores, a troca de saberes e, em última instância, a própria subjetividade. (p.20)

O espaço urbano é caracterizado como “uma unidade de análise consistindo em um conjunto de edifícios, atividades e população conjuntamente reunidos no espaço” (Clark, 1991, p. 37).

Santos (1997) define o conceito de espaço geográfico ao afirmar ser: “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. (p. 51). E o lugar como sendo um espaço onde há o sentimento de identidade e pertencimento.

Por outro lado, os estudos sobre as juventudes no campo da Geografia são muito relevantes, visto que nos proporciona uma melhor compreensão das espacialidades produzidas pelos jovens através do tempo. Contudo, essa temática ainda se encontra em fase de consolidação na Geografia brasileira (Oliveira, 2023a), uma vez que há poucos trabalhos sobre esta temática no âmbito da Geografia. Sendo assim, Oliveira (2023b) contribui para o debate acerca dessas pesquisas quando afirma que as juventudes podem ser compreendidas como um fenômeno social e que suas espacialidades podem ter impactos positivos e negativos para os próprios jovens, além da materialização de suas heterogeneidades, bem como suas vivências são influenciadas pela posição social, pela etnia, pela raça e/ou pelo gênero (Oliveira, 2024).

Feixa (1998) traz a discussão de que os jovens costumam se adaptar aos lugares onde existem laços de pertencimento e pelas relações que lhes agradam e, assim, as experiências dos jovens são expressas coletivamente.

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. (p. 32).

Pais (2003) nos versa que os jovens são múltiplos, pois ao compará-los, temos grandes disparidades que os envolvem.

[...] a juventude deve ser olhada “não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade”, pois não há um único conceito de juventude, que possa envolver todos os campos semânticos que a ela estão associados. (p.98).

Sendo assim, a diversidade entre os jovens, que por um lado os individualiza, por outro se reflete na coletividade, as chamadas culturas juvenis. Essas culturas são, portanto, o resultado das ações individuais combinadas dos jovens, que se relacionam e se normalizaram ao longo do tempo, ocorrendo em diversos espaços do cotidiano, alguns dos quais são impostos às juventudes, como a escola e a casa.

2 METODOLOGIA

Cabe explicitar que esta investigação fez parte de um projeto maior denominado: “(De) Marcando a cidade: vivências urbanas de jovens-estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS”. De maneira a alcançar o que foi proposto enquanto objetivo principal foi feita a análise das experiências e percepções urbanas vivenciadas pelos jovens estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em razão disso, na primeira etapa, foi elaborado um questionário autoaplicável na plataforma do *Google Forms*, contendo as seguintes etapas: caracterização, escala *Likert* e a sessão Porto Alegre (Santos *et al*, 2019). Na segunda etapa, foi concebida a escrita de uma carta para um visitante hipotético a fim de apresentar os principais pontos da cidade de Porto Alegre (Barbosa *et al*, 2020).

Como público-alvo, foram eleitos os alunos do Ensino Médio. Os jovens participantes foram convidados e aceitaram espontaneamente a participar desta etapa da coleta de dados (terceira parte), após assinaturas dos termos de consentimento pelos responsáveis e assentimento pelos jovens, bem como a pesquisa foi aprovada no comitê de ética da UFRGS.

Para escolher estes jovens, com o intuito de desenvolver essa terceira etapa da pesquisa, convidamos aleatoriamente um número “x” de alunos do terceiro ano (na etapa anterior estavam no segundo ano). E com isso, foi criado três grupos no aplicativo *WhatsApp* com os sujeitos distribuídos em cada um dos grupos. Os três grupos intitulavam-se “Grupo Focal do CAP” e o primeiro contato com os alunos foi explicando que éramos pesquisadores da UFRGS, o que era um grupo focal, o dia que ia ser, o horário que ia ser e que eles tinham que confirmar a sua presença no dia marcado.

Os grupos focais são conversas com uma temática específica, as quais são elaboradas com um número pequeno de participantes, pois é muito relevante que todos falem suas opiniões durante o debate e não há respostas certas ou erradas, mas sim uma construção de ideias onde os participantes podem concordar ou discordar entre si, cabendo ao moderador a mediação de que até que ponto irá a discussão. Concordamos com Kind (2004) quando afirma que:

Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. A despeito disso, o grupo focal conserva o caráter de técnica de coleta de dados, adequado, a priori, para investigações qualitativas. (p.125)

Desse modo, a técnica de grupo focal, ainda que não aprofunde as narrativas individualmente, tal como uma entrevista, a sua construção grupal permite avaliar, em função de sua dinâmica e proposta, o contraditório, o colaborativo, o agregador, etc., na fala dos participantes, uma vez que a situação os faz pensar de uma forma diferente de uma situação de entrevista.

Sendo assim, foi efetuado a realização de três grupos focais (Barbour, 2009) com os principais temas emergentes nas etapas anteriores da pesquisa (questionário e carta ao visitante), quais sejam: a segurança pública, os espaços de Porto Alegre e a escola (Colégio de Aplicação da UFRGS). Cada grupo focal foi realizado com seis jovens estudantes do espaço de pesquisa e teve duração de, aproximadamente, 50 minutos. Por fim, a representação dos resultados se deu pela análise dos conteúdos que foram debatidos em cada grupo focal.

3 RESULTADOS

Os resultados estão organizados da seguinte forma: 1) Grupo focal segurança pública; 2) Grupo focal espaços da cidade e 3) Grupo focal escola.

GRUPO FOCAL 1: SEGURANÇA PÚBLICA

A primeira pergunta feita para os sujeitos da pesquisa foi “o que é ser jovem?”; e em suas respostas, o que ficou mais marcante, foi que seria uma etapa da vida na qual se tem muitas descobertas sobre si mesmo, o conhecimento intelectual é ampliado, qual a melhor forma de se apresentar para o mundo e de entender porque certas coisas acontecem. Entretanto, também levantado por eles, nessa fase não se sabe as consequências de tudo e que há uma ambivalência entre desejar muito alguma coisa, mas pela dependência financeira dos pais, acabam não desfrutando desses desejos.

Quando questionado ao grupo focal “vocês se sentem seguros no Colégio de Aplicação”, foi possível constatar que a maioria dos participantes não se sente plenamente segura nas dependências da escola, como, por exemplo, com a possibilidade de ocorrência de um atentado ou de serem assaltados dentro do perímetro escolar; mas entendem que o Colégio de Aplicação da UFRGS possui um importante aparato de seguridade em relação às demais instituições de ensino na cidade de Porto Alegre. Do ponto de vista da violência simbólica, trazem a questão de que no colégio esse tipo de violência é reduzido ou combatido. Entretanto, foram levantados dois casos de opressão por parte de alguns professores do gênero masculino e que em ambos os casos, apontados por eles, foram atos de misoginia.

Quando perguntado “você já deixou de frequentar algum espaço da cidade de Porto Alegre por medo”, mais da metade responderam que mesmo com a notória falta de segurança em diversos espaços, os jovens ainda optam por frequentar os locais públicos da cidade, pois já naturalizaram seu medo e que a insegurança não está nos lugares específicos, mas principalmente no fluxo urbano. É levado em conta também que as mulheres correm mais risco no seu trânsito pela cidade do que os homens, como por exemplo, muitas são vítimas de violência sexual. Aos arredores da escola, mais especificamente na parada de ônibus, os jovens têm preferência em andar em grupos a fim de evitar os possíveis assaltos.

Em seguida, foi apresentado ao grupo focal um gráfico realizado nas etapas anteriores da presente pesquisa, que consistia na pergunta “em Porto Alegre, as

essoas frequentam os espaços públicos?”; a partir disso, foi questionado porque com a notória falta de segurança na cidade, as pessoas continuam frequentando os espaços públicos. Mais uma vez, vem à tona que a população já naturalizou seu medo de transitar pela cidade, pois os assaltos e a violência não estão em locais específicos, mas principalmente no seu fluxo urbano. Relatam também que quando vem um estrangeiro visitar o Brasil, a violência não é tão exacerbada, pois o governo promove algumas táticas para esconder essas questões de segurança no país, e com isso, possibilitam até visitas às favelas. Quase todos desse grupo focal já foram assaltados pelo menos uma vez, e colocam que ainda há certo receio de ir em alguns lugares, principalmente porque alguns locais são longe de suas casas. Contudo, não se prendem tanto de circular pela cidade, pois levantam a questão que as pessoas começam a se privar de ir a alguns locais por causa da insegurança e deixam de viver.

Por último, quando foi perguntado “que manchete de jornal você gostaria de ler daqui a vinte anos em relação à segurança de Porto Alegre”, dois trouxeram a ideia das escolas, um no sentido de elas serem mais bem guarnecidas e a outra, no sentido de que a maioria das pessoas tem acesso às escolas. Dois trouxeram a questão da segurança, um no sentido de a capital gaúcha ter os menores índices de criminalidade e a outra, que as pessoas não têm mais medo de andar na rua. E um trouxe a questão da restauração da Redenção para assim, voltar à circulação abundante de pessoas.

GRUPO FOCAL 2: ESPAÇOS DA CIDADE

Começamos abordando esse grupo focal com a pergunta “o que é ser jovem”, as respostas transitaram entre a faixa etária e ao sentir-se jovem. Sob a visão deles, quando se é jovem pela idade, a pessoa é um jovem-adulto de 25 anos para baixo, tem uma vida social ativa e começam a desenvolver a sua personalidade. Por outro lado, o indivíduo pode ter uma idade avançada, mas sente-se jovem de espírito; colocam também que esses sujeitos continuam com sua vida social ativa e demonstram não sentir indisposição para realizar suas ações.

Quando perguntados “quais são seus espaços preferidos de Porto Alegre”, obtivemos três enfoques principais. O *shopping* foi bem presente na fala dos jovens participantes; contam que gostam de ir nesse espaço para ver filmes no cinema, fazer lanches na praça de alimentação e

passar pelas lojas com os amigos. Os *shoppings* citados foram: o Praia de Belas, o Iguatemi e o Bourbon Ipiranga. A Casa de Cultura Mário Quintana foi mencionada como um lugar com uma atmosfera maravilhosa e gostam principalmente de transitar pelo Jardim Lutzenberger, tomar café e ficar observando e admirando as pessoas que circulam por lá. A própria casa dos participantes também é um dos seus espaços preferidos de Porto Alegre visto que lá, através do ciberespaço, se comunicam com os amigos pelas redes sociais assim como jogam *games* virtuais.

Foi perguntado “em seu tempo livre, tem diferença de como você ocupa a cidade de Porto Alegre durante a semana e nos finais de semana”, obtivemos dois polos de análise. Repara-se que os participantes em sua maioria são jovens mais caseiros, o que pode produzir um contraponto com a etapa anterior da pesquisa, entretanto, por mais que os jovens sejam mais caseiros durante a rotina nos dias úteis por causa do colégio, eles têm os seus lugares preferidos pela cidade de Porto Alegre aos finais de semana, como por exemplo, ir ao *shopping* ou na orla do Gasômetro, bem como na casa dos amigos. Dentro da discussão sobre a escola, foi questionado se percebem cultura juvenil nela. Nesse ponto houve uma divergência, pois um dos participantes colocou sobre a escola não lidar com os jovens, e ser uma relação negativa entre jovens-escola. Sob a visão do participante, no ensino médio tem muitas coisas que não farão diferença na vida deles e com isso, passam por muita dificuldade para aprender aquilo, simplesmente para provar para a escola que conseguem uma nota boa na prova. Contudo, os outros participantes apontam de indiferença a algo positivo, sendo este último por causa dos amigos e pelos aprendizados nas disciplinas. Por último, foi debatido sobre ser um local de cultura juvenil, apenas porque há muitos jovens ou por ter vários tipos de jovens.

Por último, foi perguntado para eles “que espaço falta hoje pros jovens de Porto Alegre” e, portanto, foram eleitos três espaços principais. O primeiro, se trata de construir mais bibliotecas públicas pela cidade. Nelas, os jovens poderiam pegar emprestado livros de graça para ler, bem como um espaço silencioso para estudar. O segundo, seria promover mais shows com música ao vivo, como por exemplo, no Anfiteatro Pôr do Sol. Lá, os jovens poderiam encontrar os seus amigos para apreciarem os grupos musicais que mais gostam. O terceiro, seria promover a volta do “corujão” das *lan houses* na cidade. Ali, os jovens pagavam uma taxa para acessar o espaço durante toda madrugada; com isso, jogavam os mais variados *games* com seus amigos ao lado.

GRUPO FOCAL 3: ESCOLA

Quando perguntados sobre “o que é ser jovem”, as ideias transitaram de uma definição biológica para uma social. Esta última se aproximava mais das ideias expostas, mas não foi negado a possibilidade de também entender o ser jovem como um fato biológico. Desse modo, a maioria concordou na possibilidade da coexistência desses dois modos de definir o que é ser jovem, sem haver necessariamente a exclusão de um pelo outro.

Foi perguntado aos jovens “qual a importância da escola em suas vidas”, e pôde ser notado que havia, pela maioria dos jovens do grupo, o interesse em cruzar a realidade que se tem no Colégio de Aplicação com outros colégios privados e públicos do município de Porto Alegre e

do município de Viamão. Isso foi bem presente nas falas, que através de suas experiências e conhecimentos, demarcavam as diferenças positivas do CAP em relação às outras instituições que passaram ou conheciam. Quando comparado o CAP com colégios privados, no aspecto negativo, temos relatos de que nas outras instituições havia muitas regras e não havia espaço para debater sobre determinados assuntos, como por exemplo, o feminismo; outro relato revela que na época das eleições de 2018, a antiga escola estava polarizada entre os estudantes que apoiavam os candidatos da direita e outro, os que apoiava os candidatos da esquerda. Nesse clima de antagonismos, um professor de sociologia foi dar uma aula sobre o teórico Karl Marx e foi gravado por um aluno que o denunciou para a direção da escola de que o mesmo doutrinaría os alunos, quando na verdade ele só estava seguindo o conteúdo programático do livro. No aspecto positivo, relatam que a passagem na antiga escola foi muito importante no sentido das oportunidades que tiveram, como por exemplo, a boa qualidade de ensino, ter fluência num segundo idioma e intercâmbio para outros países. É lembrado também que nas escolas privadas, não há aulas de artes variadas, como, por exemplo, aulas de desenho, aulas de música e aulas de teatro. Quando comparado o CAP com colégios públicos, no aspecto negativo, falaram da falta de estrutura física, a falta de professores e a falta de alguns recursos didáticos. Disseram também que por mais que tu fosses dedicado ou se esforçasse nesse lócus, não seria oportunizado tudo aquilo que estão desfrutando no CAP.

Quando questionados se já presenciaram e/ou sofreram algum tipo de violência no colégio, o CAP, em geral, foi muito elogiado e prestigiado pelos participantes, que destacaram a paz do colégio e fizeram elogios a instituição,

mostrando, naquele grupo, que o colégio tem um bom ambiente e uma boa relação com os alunos. No entanto, ao mesmo tempo em que se destaca essa relação positiva, se denuncia alguns preconceitos por parte de professores e brigas, sem violência física, na OCA (Olimpíadas do Colégio de Aplicação), em função da competitividade. Foi exposto também, que há um tempo, era permitido o acesso da escola para a comunidade escolar e para os alunos da UFRGS. Com isso, um dos participantes contou que um grupo de jovens garotos que não eram do colégio, estavam na quadra de esportes e começaram falar algumas agressões verbais para este indivíduo e, portanto, ficou com receio de ir pegar a mochila que estava lá. Movido pelo medo, resolveu então, chamar alguns amigos para lhe acompanhar até lá para conseguir buscar a mochila. Posteriormente os familiares do estudante foram conversar com a direção da instituição e o problema foi resolvido. Fazendo um balanço com as opiniões expressadas sobre o colégio, a instituição sai com um saldo positivo, mas precisa se atentar às brigas e preconceito por parte dos professores, pois havia ainda ocorrência daqueles casos até aquele momento, e não haviam sido promovidas soluções definitivas para ambos os casos.

Por último, quando perguntados sobre “que dicas ou conselhos que vocês dariam para um aluno que ainda vai entrar no CAP”, muitas ideias surgiram, mas em síntese, quase todos disseram para aproveitar tudo o que o colégio fornece e dar valor ao espaço que se está ocupando na instituição, bem como não faltar as aulas, estudar bastante, se envolver com os projetos da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser jovem, como os diversos estudos nas Ciências Humanas e Sociais apontam, é uma construção social, ainda que nas áreas da saúde, como a psicologia, o jovem seja confundido com a figura do adolescente, e, portanto, com características bem definidas, tais como as alterações hormonais decorrentes do período definido como puberdade. O que vemos nas opiniões dos jovens é esse limiar em entre um ser e estar jovem, não tão ligado a questões biológicas e etárias, e um jovem definido justamente por estar duas últimas questões. Chama a atenção também que ser jovem para alguns não passa somente por estas questões mencionadas anteriormente, mas pelas circunstâncias pelas quais eles estão limitados - e pelas quais se imagina que não existem a um adulto normal - que seria a dependência que possuem dos pais.

Os jovens estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS percebem a insegurança em seus fluxos urbanos, mas, mesmo assim, continuam transitando pela cidade, o que reforça a ideia de uma juventude que encontra importante valor em vivências sociais coletivas. Porém esse trânsito também se dá, como apontam os jovens pesquisados, por já terem, de certa forma, normalizado a violência urbana no seu cotidiano, o que não quer dizer que não sentem mais medo ou que não tomem precauções, mas que de certa forma a insegurança naturalizou-se; e como as pessoas são obrigadas a transitar pela cidade, se relacionar, consumir, ter lazer, etc., aparentemente, a insegurança é introduzida na vida das pessoas como mais um fator cotidiano normal.

Observa-se também que a casa é um importante espaço levantado pelos jovens, como referência na cidade, pois ali são desenvolvidas práticas sociais coletivas, como, por exemplo, jogos virtuais e festas. Um pouco pela questão da segurança, mas também do conforto. O Shopping é outro local fortemente mencionado pelos jovens, sendo um lugar pelo qual, em função de sua ambientação mais moderna, voltada, principalmente, ao consumo – fenômeno marcante das últimas gerações, as quais se diz estarem mergulhadas naquilo que se aponta popularmente como consumismo – integrando-se, assim, mais adequadamente aos códigos das juventudes atuais.

Já sobre o Colégio de Aplicação da UFRGS, os jovens pesquisados, majoritariamente, possuem uma boa relação com o colégio em função das oportunidades e boa qualidade de educação. No entanto, segundo alguns relatos, há relações de conflito.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Júlia Barbosa; SANTOS, Gabriela Borba Bispo dos; OLIVEIRA, Leonardo Brião de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. “Metodologia De Cartas” Como Forma de Análise dos Trânsitos Urbanos de Jovens Contemporâneos. Rev. FSA, Teresina, v.17, n. 2, art. 11, p. 209-224, fev. 2020.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. *Diário Oficial da União*, Brasília, 05 ago. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.html. Acesso em: 12 mai. 2024.

BARBOUR, Rosaline. *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CLARK, David. *Introdução à Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FEIXA PAMPOLS, Carles. *La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles*. In: MARGULIS, Mario; CUBIDES, Humberto; VALDERRAMA, Carlos. *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Santa Fé de Bogotá: *Universidad Central; Siglo Del Hombre*, 1998.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

KIND, L. *Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, 2004. .

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). *Geografias das Juventudes*. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023b.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES: A CONSTRUÇÃO DO ESTADO DA ARTE NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA. *Para Onde!?*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 59-78, 2023a. DOI: 10.22456/1982-

0003.130242. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/130242>. Acesso em: 13 ago. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Análise das pesquisas sobre juventudes na pós- graduação da Geografia brasileira. *Revista de Geografia, [S. l.]*, v. 40, n. 3, p. 100- 118, 2024. DOI: 10.51359/2238-6211.2023.259381. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistageografia/article/view/259381>. Acesso em: 13 ago. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa. *Culturas Juvenis e Pertencimento Urbano: mapeando os Fluxos Juvenis na Cidade* Rev. FSA, Teresina PI, v. 15, n. 2, art. 6, p. 110-124, mar./abr. 2018

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PREVEDELLO, Tatiana; LACERDA, Miriam Pires Corrêa De; SANTOS, Andreia Mendes dos. *Jovens percepções do urbano em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul*. Revista Annales FAJE, v. 3, p. 345- 356, 2018.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

SANTOS, Gabriela Borba Bispo dos; OLIVEIRA, Leonardo Brião de; BARBOSA, Júlia Barbosa; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. *Culturas Juvenis: Um Estudo Sobre as Vivências dos Estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS*. Rev. FSA, Teresina, v.16, n.2, art. 11, p. 199-218, mar/abr. 2019.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.

Artigo Submetido em 30.09.2025 e aprovado em 02.11.2025.

Gabriela Borba Bispo dos Santos. Licenciada e Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1070-2976>

E-mail: gabrielasantos1996@hotmail.com

Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500. Bairro Agronomia - Porto Alegre, RS

Victor Hugo Nedel Oliveira. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é Professor e Pesquisador no Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação – GEPJUVE/UFRGS/CNPq.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5624-8476>

E-mail: victor.nedel@ufrgs.br

Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500. Bairro Agronomia - Porto Alegre, RS

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores:

Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS)

Dra. Symaira Poliana (UFMG)

Dr. Flávio Munhoz Sofiati (UFG)

Me. Joilson Toledo (UERJ)

Dr. Mateo Ortiz (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)

Dr. Nilson Weisheimer (UFRB)

Dr. Sebastião Everton de Oliveira (FAJE)

Dra. Martha Gutiérrez (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)